

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

31 – A Mente Intuitiva (I)

09.04.23

(Parte IV – Capítulo XX)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2023

1

A natureza original da supramente é a autoconsciência, a todo-consciência do Infinito, do Espírito, do Self universal nas coisas que, com base no autoconhecimento direto e segundo o caráter desse conhecimento, organiza sua sabedoria e sua onipotência efetiva para o desdobramento do universo e da ação regulada de todas as coisas no universo.

Podemos dizer que essa é a gnose do Espírito, mestre de seu próprio cosmos, *atma jnata isvarah*.

Assim como conhece a si mesmo, ele conhece todas as coisas – pois todas as coisas são seus próprios devires – ele os conhece de maneira direta, total e de dentro para fora, de maneira espontânea, em detalhe e em sua organização, cada coisa na verdade de seu ser e de sua natureza e em suas relações com todas as outras coisas.

2

E de modo similar
ele conhece todas as operações de sua energia
com seus antecedentes,
a causa e a ocasião da manifestação delas,
seu efeito, sua consequência,
todas as coisas em seu infinito
e em suas potencialidades limitadas,
em sua escolha das circunstâncias reais
e em sua sucessão passada, presente e futura.

A supramente organizadora em um ser divino no universo
seria uma delegação dessa onipotência e dessa onisciência
para o propósito próprio a esse ser
e dentro do escopo de sua natureza própria
e de tudo que entra em sua província.

3

A supramente, em um indivíduo,
seria uma delegação similar,
em qualquer escala e em qualquer província.

Porém, enquanto no ser divino isso seria
uma delegação direta e imediata
de um poder ilimitável em si,
e apenas limitado na ação
– mas de outro modo inalterado em suas operações,
natural para o ser e sempre completo e livre –
no ser humano, um emergir da supramente deverá ser
uma criação gradual e, no início, imperfeita
e, para sua mente costumeira,
essa seria a atividade de
uma vontade e de um conhecimento
excepcionais ou supranormais.

4

Em primeiro lugar, para o ser humano esse não será um poder nativo que ele fruirá sempre, sem interrupção, mas uma potencialidade secreta que deverá ser descoberta e para a qual não há órgãos em seu sistema físico ou mental atual:

ele terá que desenvolver um novo órgão para isso ou então adotar ou transformar aqueles que já existem e torná-los utilizáveis para esse propósito.

Não basta apenas *des-cobrir* o sol escondido da supramente na caverna subliminar de nosso ser secreto, nem remover a nuvem de ignorância mental que cobre sua face nos céus espirituais, para que esse sol resplandeça de imediato em toda sua glória.

5

Nossa tarefa é muito mais complexa e muito mais difícil porque o ser humano é um ser evolutivo e pela própria evolução da Natureza, de que é uma parte, ele foi dotado de um tipo inferior de conhecimento; e esse poder de conhecimento inferior, o poder mental, pela persistência de sua ação costumeira constitui um obstáculo a uma formação nova que seria superior à sua natureza própria.

Uma inteligência mental limitada que aclara uma mente sensorial limitada, com a capacidade – nem sempre bem utilizada – de expandir de maneira considerável essa inteligência pelo uso da razão, são os poderes que no presente o distinguem de todas as outras criaturas terrestres.

6

Essa mente sensorial, essa inteligência, essa razão,
embora inadequadas,
são os instrumentos
em que o ser humano aprendeu a confiar
e, por meio deles, erigiu certos alicerces
que não está disposto a perturbar
e traçou limites fora dos quais ele sente que
tudo é confusão, incerteza, aventura perigosa.
Ademais, a transição para o princípio superior
significa não apenas uma conversão difícil
de toda a sua mente, razão e inteligência,
mas, em certo sentido,
uma reversão de todos os seus métodos.

7

A alma,
ao elevar-se acima de certa linha crítica de mudança,
vê todas as suas operações anteriores
como uma ação inferior e ignorante
e tem que efetuar um outro tipo de funcionamento,
que partirá de um ponto de vista diferente
e terá uma maneira de todo diferente
de pôr em movimento a energia de seu ser.
Se fosse pedido a uma mente animal para
abandonar conscientemente
o terreno seguro dos impulsos sensoriais,
da compreensão sensorial e do instinto
pela aventura perigosa da inteligência racional,
ela poderia muito bem dar meia volta
e, relutante e alarmada, recusar o esforço.

8

Aqui, a mente humana é chamada
a um esforço ainda bem maior
e, embora consciente de si e aventureira
no perímetro de suas possibilidades,
ela poderia muito bem achar que
a aventura está além de seu círculo e rejeitá-la.

De fato, a mudança só será possível se houver,
primeiro, um desenvolvimento espiritual
no nível atual de nossa consciência,
e isso só poderá ser empreendido com segurança
quando a mente se tornar consciente do self maior dentro,
se enamorar do Infinito
e confiar na presença e na guiança
do Divino e sua Shakti.

9

O problema dessa conversão se reduz, no início,
a uma passagem por um estado intermediário
com a ajuda do único poder já em ação na mente humana
que podemos reconhecer como possuidor
de algo supramental em sua natureza
ou, ao menos, em sua origem
– a faculdade de intuição –
poder do qual podemos sentir a presença e as operações
e nos impressiona, ao agir,
por sua eficiência, sua luz,
sua inspiração superiores e sua força direta,
mas que não podemos compreender ou analisar
do modo como compreendemos ou analisamos
as operações de nossa razão.

10

A razão compreende a si mesma,
mas não o que está além dela
– disso, ela pode apenas fazer uma imagem
ou uma representação geral;
só a supramente pode discernir
o método de suas próprias operações.

No presente, o poder da intuição age em nós
sobretudo de maneira coberta, secreta
e envolvida na ação da razão e da inteligência normal,
ou em grande parte velada;
enquanto não emergir em uma ação independente e clara,
ela será ainda ocasional, parcial, fragmentária
e de caráter intermitente.

11

Ela lança uma luz súbita,
faz uma sugestão luminosa,
projeta uma indicação solitária e brilhante
ou espalha um pequeno número de intuições isoladas ou relacionadas,
discernimentos, inspirações ou revelações resplandecentes,
e deixa a razão, a vontade, o sentido mental ou inteligência
fazer o que cada um pode ou quer dessa ajuda em semente
que lhes vem das profundezas ou das alturas de nosso ser.

Os poderes mentais logo se precipitam para apoderar-se dessas coisas,
manipulá-las e utilizá-las para nossos próprios propósitos mentais ou vitais,
adaptá-las às formas do conhecimento inferior,
encobri-las ou instalar nelas a substância e as sugestões mentais,
alterando com frequência a verdade delas no processo
e sempre limitando sua força de iluminação potencial
por esses acréscimos e por essa sujeição
às exigências do agente inferior;

12

quase sempre eles tiram delas, ao mesmo tempo,
 muito pouco ou demasiado:
 muito pouco, ao não dar-lhes tempo de instalar-se
 e expandir seu poder completo de iluminação;
 demasiado, ao apegar-se a elas
 ou, antes, à forma em que a mentalidade as formula,
 à exclusão da verdade mais vasta
 que o uso mais consistente da faculdade intuitiva poderia ter dado.

Assim, quando intervém nas operações mentais comuns,
 a intuição age como *flashes* relampejantes
 que tornam brilhante certa extensão da verdade,
 mas não é como uma luz solar estável
 que ilumina com segurança
 todo o alcance e todo o reino de nosso pensamento,
 de nossa vontade, sentimentos e atos.

13

Logo se apresentam duas linhas de progresso necessárias,
 que devemos seguir.

A primeira, é
 expandir a ação da intuição e torná-la mais constante,
 mais contínua, regular e todo-abrangente,
 até que ela se torne tão íntima e normal para nosso ser
 que poderá efetuar todas as operações
 agora feitas pela mente comum
 e substituí-la no conjunto do nosso sistema.

Essa transferência não pode ser feita por completo
 enquanto a mente normal continuar a
 reivindicar seu poder de ação independente
 e suas intervenções ou o seu hábito de
 apropriar-se da luz da intuição
 e manipulá-la para seus propósitos.

14

A mentalidade superior não poderá ser completa ou segura enquanto a inteligência inferior for capaz de deformá-la ou mesmo de introduzir nela sua própria mistura.

E então, ou devemos silenciar por completo o intelecto e a vontade intelectual, assim como as outras atividades inferiores e deixar o espaço só para a ação intuitiva,

ou então devemos tomar a ação inferior e transformá-la pela pressão constante da intuição.

Ou ainda, podemos alternar e combinar os dois métodos, se esse for o meio mais natural ou se isso for, de algum modo, possível.

15

O processo e a experiência prática do loga nos mostram a possibilidade de muitos métodos e movimentos, mas nenhum deles, de per si, produz o resultado completo na prática, embora, à primeira vista, possa parecer, de maneira lógica, que cada um poderia, ou deveria bastar.

Mas quando aprendemos a não insistir em algum método particular como o único exclusivamente correto e deixamos todo o movimento a uma guiança superior, percebemos que o Senhor divino do loga encarrega sua Shakti de usar um ou outro em diferentes momentos e de combiná-los todos segundo a necessidade e a tendência do ser e da natureza.

16

No início, poderia parecer que o meio direto e correto deveria ser silenciar por completo a mente, silenciar o intelecto, a vontade mental e pessoal, a mente de desejo e a mente de emoção e sensação e, nesse silêncio perfeito, permitir ao Self, ao Espírito, ao Divino, revelar-se e deixá-lo iluminar o ser com a luz, o poder e a Ananda supramentais.

E, de fato, essa é uma disciplina grande e poderosa.

É a mente calma e imóvel
– muito mais preparada
e com uma pureza bem maior do que a mente agitada e ativa –
que se abre ao Infinito, reflete o Espírito, torna-se plena do Self
e, como um templo consagrado e purificado,
espera o desvelar-se do Senhor de todo nosso ser
e de toda nossa natureza.

17

É também verdade que a liberdade que esse silêncio proporciona dá a possibilidade de um jogo mais amplo ao ser intuitivo, e permite receber

– com menos obstruções, tumultos e tateio mentais,
sem que a mente se aproprie –
as grandes intuições, inspirações e revelações
que emergem de dentro e que descem do alto.

É, portanto, um ganho imenso poder,
a todo momento e à vontade,
dispor de uma tranquilidade e um silêncio absolutos da mente,
ser livre de qualquer necessidade de
pensamento, movimento ou perturbação mentais
e, baseados nesse silêncio,
deixar o pensamento, a vontade e o sentimento
acontecerem em nós apenas quando a Shakti quiser
e quando for necessário para os propósitos divinos.

18

Torna-se mais fácil então mudar a maneira e o caráter do pensamento, da vontade e dos sentimentos.

No entanto, isso não quer dizer que por esse método a luz supramental substituirá de imediato a mente inferior e a razão reflexiva.

Uma vez que o silêncio foi estabelecido, a ação interior continua, mas mesmo que sejam um pensamento e um movimento mais predominantemente intuitivos, os velhos poderes interferirão ainda, se não de dentro, ao menos por centenas de sugestões de fora, e uma mentalidade inferior se misturará neles, questionará ou obstruirá ou tentará apropriar-se do movimento superior para rebaixá-lo, distorcê-lo ou diminuí-lo no processo.

19

Portanto,
a necessidade de um processo de eliminação ou de transformação da mentalidade inferior permanece sempre imperativa
– ou talvez ambas ao mesmo tempo,
uma eliminação de tudo que é nativo do ser inferior – seus acidentes que desfiguram, suas desvalorizações, suas distorções de substância e tudo o mais que a verdade superior não poderia abrigar, e uma transformação das coisas essenciais que nossa mente recebe da supramente e do espírito, mas que traduz nos termos da ignorância mental.

20

Um segundo movimento vem
de modo natural àqueles que iniciam o loga
com o impulso que é próprio à via de Bhakti.

Para eles, é natural rejeitar o intelecto e sua ação,
ouvir a voz, esperar o impulso ou a ordem, o *adesa*,
obedecer apenas à ideia, à vontade e ao poder do Senhor em nós,
ao Self divino, ao Purusha no coração das criaturas,
isvarah sarvabhutanam hrddese.

Esse é um movimento que tende cada vez mais
a “intuitivar” toda a natureza,
pois as ideias, a vontade, os impulsos,
os sentimentos que vêm do Purusha secreto no coração
são de natureza intuitiva, direta.

Esse método é consonante com certa verdade de nossa natureza.

21

O Self secreto dentro de nós é um self intuitivo,
e esse self intuitivo habita em cada um dos centros de nosso ser
– físico, nervoso, emocional, volitivo, conceitual ou cognitivo –
e nos centros superiores mais diretamente espirituais.

Em cada parte de nosso ser
ele exerce uma iniciação secreta, intuitiva, em nossas atividades,
mas essa iniciação é recebida e representada
de maneira imperfeita por nossa mente externa,
e convertida em movimentos da ignorância
na ação exterior das diversas partes de nossa natureza.

O coração, ou centro emocional da mente de desejo
possuidora de pensamento,
é a parte mais forte no ser humano comum;
ele reúne os fatos e os disfarça,
ao menos para sua apresentação à consciência
– ele constitui a parte capital do sistema.

22

É de lá que o Senhor,
estabelecido no coração de todas as criaturas,
as faz girar pela Maia da ignorância mental,
“*montadas* na máquina da Natureza”.

É então possível
– ao referirmos toda iniciativa de nossa ação a esse Self
ou Espírito intuitivo secreto,
a essa Divindade sempre presente em nós –
substituir por suas influências
as iniciações de nossa natureza mental pessoal,
retirarmo-nos do pensamento e da ação externas e inferiores
e passar a um outro pensamento,
a uma outra ação, interior e intuitiva,
de um caráter altamente espiritualizado.

23

No entanto, o resultado desse movimento não pode ser completo
porque o coração não é o centro superior de nosso ser,
não é supramental
e não é movido de modo direto pelas fontes supramentais.
Um pensamento e uma ação intuitivos dirigidos pelo coração
podem ser muito luminosos e intensos,
mas é provável que sejam limitados,
mesmo estreitos, em sua intensidade,
misturados às atividades emocionais inferiores
e, no melhor dos casos,
exaltados e agitados, desequilibrados ou exagerados
pelo caráter miraculoso ou anormal da ação intuitiva,
ou, ao menos, de muitos de seus acompanhamentos,
o que prejudica a perfeição harmoniosa do ser.

24

O objetivo do nosso esforço para alcançar a perfeição
 é conseguir que a ação espiritual e supramental
 não seja mais um milagre,
 mesmo se fosse um milagre frequente e constante,
 nem apenas uma intervenção luminosa
 de um poder maior que nosso poder natural,
 mas uma ação normal do ser,
 e a própria natureza,
 a própria lei de todo seu processo.

25

O centro organizado mais alto de nosso ser encarnado
 e de suas atividades no corpo
 é o centro mental supremo,
 representado pelo símbolo ióguico do lótus de mil pétalas, *sahasradala*;
 em seu cimo, no seu grau mais alto,
 abre-se a comunicação direta com os níveis supramentais.
 É então possível adotar um método diferente e mais direto:
 em lugar de referir todo nosso pensamento e toda nossa ação
 ao Senhor escondido no lótus do coração,
 podemos referi-los à verdade velada da Divindade
 que está acima da mente
 e receber tudo por uma espécie de descida do alto,
 uma descida de que nos tornamos cômicos
 não apenas espiritualmente
 mas também fisicamente.

26

A *siddhi*, ou consumação perfeita desse movimento,
só pode vir quando formos capazes de
elevar o centro de nosso pensamento e de nossa ação consciente
acima do cérebro físico e sentir que eles acontecem no corpo sutil.

Se pudermos sentir que
não pensamos mais com o cérebro,
mas acima e fora da cabeça, no corpo sutil,
esse é um sinal físico seguro
de uma liberação das limitações da mente física,
e embora isso não se complete de imediato,
nem traga, por si mesmo, a ação supramental
– pois o corpo sutil é mental e não supramental –
ainda assim é uma mentalidade pura e sutil
e torna mais fácil
a comunicação com os centros supramentais.

27

Os movimentos inferiores virão ainda,
mas perceberemos então que
é mais fácil chegar a um discernimento rápido e sutil
que nos mostra logo a diferença:

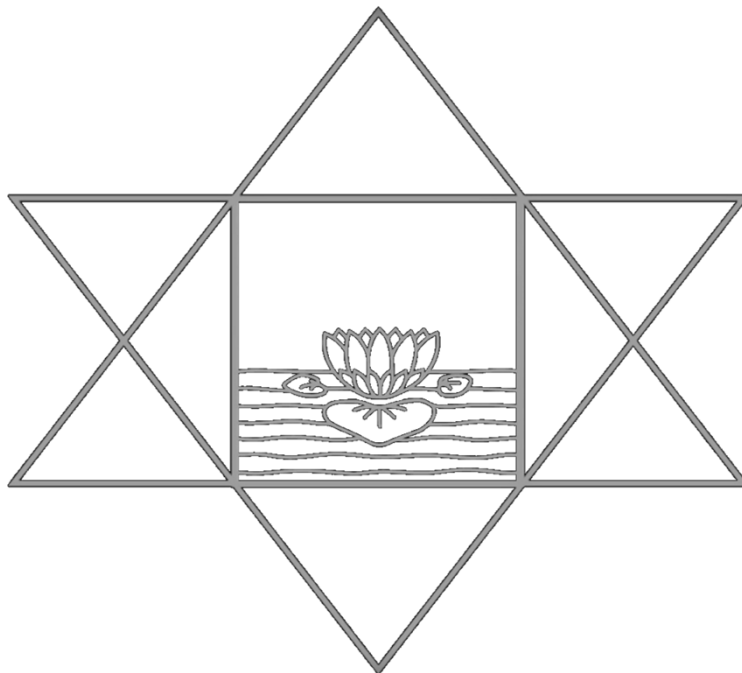
distingue o pensamento intuitivo das misturas intelectuais inferiores,
o separa de seus invólucros mentais e rejeita as meras agilidades da mente,
que imitam a forma da intuição sem possuir sua verdadeira substância.

Será mais fácil discernir com rapidez
os planos superiores do ser supramental verdadeiro,
invocar seu poder, para que desçam e efetuem a transformação desejada
e referir todas as ações inferiores ao poder e à luz superiores,
a fim de que eles possam rejeitar e eliminar,
purificar, transformar e selecionar,
em meio às atividades inferiores,
o material justo para a Verdade que deve se organizar em nós.

28

Essa abertura a um nível superior
e a alturas cada vez mais altas nesses planos
e, em consequência,
a *re-modelação* de toda a nossa consciência
e de sua ação nesse modelo,
sua *re-modelação* na substância dos poderes
e das capacidades luminosas dos planos do alto,
revela-se na prática
como a parte mais importante
do método natural
usado pela Shakti divina.

29



30